

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Katiane Santiago Rodrigues da Silva

**ANÁLISE DE TELA: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE
JOVENS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL**

Porto Alegre

2. Semestre

2018

Katiane Santiago Rodrigues da Silva

**ANÁLISE DE TELA: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE
JOVENS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sandra dos Santos Andrade

Porto Alegre

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

... aos meus pais, Antonio e Nara, pela incansável ajuda e carinho, além do apoio e confiança durante estes quatro anos e meio de curso, que foram tão importantes para mim.

... aos meus avós, Antônio e Maria, Clodoaldo e Tereza, e ao meu dindo José Antônio, que, mesmo não estando mais entre nós, de alguma forma, me ajudaram nesta caminhada.

... à minha dinda Mara, minhas primas Amanda e Janine, minha dinda Clara, meu tio Ibraim e meus primos Bruno e Thomas, pelo apoio incondicional nesta caminhada.

... à minha orientadora, Sandra Andrade, pela parceria desde o estágio e por fazer-me crer que sou capaz e que é possível acreditar na educação, por meio de práticas que motivem nossos estudantes.

... às minhas colegas de Universo Mágico e amigos que vivenciaram estes quatro anos e meio de muito estudo e me deram muita força para seguir em frente.

... aos meus colegas de curso, que, durante o período da faculdade, foram meus grandes parceiros de estudo, conversas e risadas, por não me deixarem desistir quando eu achava que estava tudo perdido.

O ideal é que o cinema e o rádio fossem, no Brasil, escolas dos que não têm escolas.

(Roquete Pinto, 1936)

RESUMO

Durante meu estágio obrigatório da graduação em Pedagogia, fui mobilizada pelo interesse e a necessidade de aprofundar o estudo sobre as dificuldades de aprendizagem ou de estar na escola, que extrapolam as questões de ordem biológica e que são atravessadas por diferentes questões, como as escolares, familiares, econômicas e sociais. Como não seria possível voltar para o ambiente escolar, optei por fazer a análise de filmes que tivessem como cenário central a escola e como personagens principais professores/as e alunos/as. Assim, este Trabalho de Conclusão de Curso teve por objetivo analisar estratégias pedagógicas visibilizadas em filmes para o ensino de jovens em situação de vulnerabilidade social. Buscou compreender de que modo as situações de vulnerabilidade social apresentadas nos filmes ampliam e aprofundam estas dificuldades de aprendizagem. A pergunta central da pesquisa é: que estratégias pedagógicas são visibilizadas em filmes para o ensino de jovens em situação de vulnerabilidade social? Sob a influência da etnografia de tela, foram analisados quatro filmes de diferentes períodos que se centram na relação professor/aluno, geralmente, são relações conflituosa ou problemáticas em função da vulnerabilidade social apresentada pelos estudantes dos filmes. Após a etnografia de tela, foi possível refletir sobre as estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores/as com os jovens estudantes dos filmes e pensar em sua viabilidade na realidade educacional. A partir disso, foi possível atentar, também, para as barreiras do sistema educacional, considerando que muitos profissionais que estão dentro das escolas não percebem que as vulnerabilidades, principalmente as sociais, são responsáveis por muitas das dificuldades de aprendizagem, de permanência e de comportamento no ambiente escolar.

Palavras-chave: Vulnerabilidade social. Etnografia de tela. Estratégias pedagógicas.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	7
2VULNERABILIDADE SOCIAL, ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM	9
3 PERCURSO METODOLÓGICO.....	12
3.1 A ETNOGRAFIA DE TELA.....	
13	
5 SINOPSE DOS FILMES.....	16
6 ANÁLISE DE CENAS DOS FILMES.....	21
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	37

1 APRESENTAÇÃO

Ao longo do estágio obrigatório, realizado em uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal da periferia de Porto Alegre, observei algumas dificuldades importantes que impactavam no aprendizado das crianças. Notei nos alunos dificuldades de aprendizagem, de relacionamento e comportamentais, enfim, dificuldades em estar dentro do ambiente escolar. Nenhum dos alunos possuía laudo, e as dificuldades não pareciam ser de ordem neurológica, mas relacionadas à vulnerabilidade social e ao contexto econômico, social e geográfico onde essas crianças estavam inseridas. A escola deve ser um espaço de socialização, de formação de vínculos e de múltiplas aprendizagens, mas não é o que vemos atualmente em nossas escolas. “Parece-me que há uma recíproca descrença: o professor não acredita no aluno e, por consequência, não espera muito dele; os alunos não acreditam na escola e não esperam muito dela” (PEREIRA et al., 2014, p. 54).

A partir disso, fui mobilizada pelo interesse e a necessidade de aprofundar o estudo sobre as dificuldades de aprendizagens e/ou de estar no ambiente da escola que extrapolam as questões de ordem biológica e que são atravessadas por outras questões. Neste estudo, foco na vulnerabilidade social experimentada pelos estudantes nos seus contextos familiares e escolar. Isso a fim de refletir sobre as possíveis estratégias pedagógicas que, enquanto professoras, podemos utilizar em sala de aula para minimizar o efeito desses atravessamentos sobre a aprendizagem, sobre o ser aluno e capturar a atenção e o desejo de aprender dos estudantes. Para esta reflexão, resolvi buscar inspiração no cinema. Assim, a pergunta central da pesquisa é: que estratégias pedagógicas são visibilizadas em filmes para o ensino de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade?

Para responder a questão de pesquisa, optei por fazer a análise de filmes que falassem sobre escola e estudantes vulneráveis, com o fim de visibilizar como o cinema apresenta soluções pedagógicas para as dificuldades destes sujeitos. Selecionei três filmes como material empírico: 1. *Ao mestre, com carinho*, 2. *Escritores da liberdade*, e 3. *Mentes perigosas*. Os filmes centram-se na relação professor/aluno, geralmente

conflituosa ou problemática, em função da vulnerabilidade social apresentada pelos estudantes dos filmes.

Trago o conceito de vulnerabilidade para pensar em seus desdobramentos nos âmbitos social, cultural, psicológico e institucional. No campo teórico da Educação, o conceito compreende “o movimento de considerar a chance de exposição das pessoas ao adoecimento [e a muitos outros tipos de agravos sociais] como a resultante de um conjunto de aspectos não apenas individuais, mas também coletivos [e] contextuais” (AYRES apud ANDRADE et al., 2003, p. 123). Pensando sobre a dificuldade de aprendizagem, ela pode estar relacionada a diversos fatores, como: físicos, emocionais, cognitivos, sociais e educacionais. Esses conceitos serão mais bem desenvolvidos no capítulo 3.

Foi no campo teórico dos Estudos Culturais que encontrei fundamentação para discutir as estratégias pedagógicas visibilizadas nos filmes para o ensino de crianças e jovens vulneráveis e/ou com dificuldades de aprendizagem. Utilizei-me, então, dos pressupostos da etnografia de tela para percorrer as telas dos filmes. Aproveitando-se das palavras de Rial, as autoras Patrícia Balestrin e Rosângela Soares (2012) definem a "etnografia de tela" como uma metodologia que busca aplicar estratégias de análise etnográfica, aliadas às ferramentas próprias da análise cinematográfica. Dessa forma, o longo período de contato com o filme, os registros em diário de campo acerca dos pontos potenciais para análise investigativa e a escolha de determinadas cenas para a realização do estudo são procedimentos descritos pelas autoras como fundamentais para a articulação de uma etnografia de tela, dos quais busquei apropriar-me neste trabalho.

2 VULNERABILIDADE SOCIAL, ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Neste capítulo, discorro sobre os conceitos de vulnerabilidade, estratégias pedagógicas e dificuldades de aprendizagem, já que se configuram como os conceitos chave deste trabalho de conclusão.

As dificuldades de aprendizagem ou de ser aluno são cada vez mais comuns no ambiente escolar, o que vem preocupando muitos professores/as e gestores/as da escola. Os professores/as, ao depararem-se com crianças que não dão conta do planejado, que não atingem os objetivos do modo esperado e que escapam aos instrumentos de controle, acabam rotulando e/ou minimizando o potencial destas crianças, muitas vezes com o argumento de que a criança é problemática ou até mesmo hiperativa. Algumas vezes, ao compartilhar os seus conflitos com os gestores/as da escola, os/as professores/as acabam recebendo orientações divergentes para resolver a situação. Talvez a falta de conhecimento, a patologização e a pouca reflexão sobre o ambiente escolar e a geografia do local onde se localiza a escola provoquem nos/as professores/as e gestores/as um sentimento de incompetência/impotência, ficando a cargo dos psicólogos e psicopedagogos, quando este atendimento é possível, encontrar as devidas soluções para as dificuldades que julgam ser de aprendizagem ou de comportamento.

As dificuldades de aprendizagem podem ser resultado de fatores: físicos, emocionais, cognitivos, sociais e educacionais. Segundo Freitas (2006), para auxiliar na aquisição de conhecimento do indivíduo, ou seja, na aprendizagem da criança, é imprescindível o conhecimento dos fatores que favorecem o processo ensino-aprendizagem – se estão relacionados a uma falta de interesse do aluno, sono, tristeza, agitação, preguiça, desordem, dentre outros fatores que também causam desmotivação para o aprendizado.

[...] o processo de aprendizagem da criança [e dos jovens] é compreendido como um processo pluri causal, abrangente, implicando componentes de vários eixos de estruturação: afetivos, cognitivos, motores, sociais, econômicos, políticos. Isso significa que, ao concebermos a aprendizagem como um processo constituído por diversos fatores, não podemos aceitar uma causa única como determinante para as dificuldades a ela relacionadas. (SAMPAIO; FREITAS, p.27, 2014).

Acreditando que as dificuldades de aprendizagem podem ser causadas também por fatores sociais, econômicos ou políticos, como afirma Carrara (2017) posso alegar que as situações de vulnerabilidade podem ser desencadeadoras de dificuldades escolares, pois elas são dependentes das condições sociais, políticas e econômicas de uma localidade ou de um grupo de pessoas. Discorrendo sobre vulnerabilidade e pensando, principalmente, no ambiente das escolas das periferias, ambiente onde vivi ao longo de meu estágio docente, pude perceber o quanto o lugar interfere nas condições das crianças ocuparem o espaço da escola. Segundo Pereira (2009), as crianças e adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade social são aquelas que vivem negativamente as consequências das desigualdades sociais que existem em nosso país; as consequências da pobreza e da exclusão social; da falta de vínculos afetivos na família e nos demais espaços de socialização; da passagem abrupta da infância à vida adulta; da falta de acesso à educação, trabalho, saúde, lazer, alimentação e cultura; da falta de recursos materiais mínimos para sua sobrevivência; da inserção precoce no mundo do trabalho; da falta de perspectivas de entrada no mercado formal de trabalho; da entrada em trabalhos desqualificados; da exploração do trabalho infantil; da falta de perspectivas profissionais e projetos para o futuro; do alto índice de reprovação e/ou evasão escolar; da oferta de integração ao consumo de drogas e de bens, ao uso de armas, ao tráfico de drogas e tantos outros agravantes que existem na nossa atual sociedade.

Neste trabalho, considero as dificuldades de aprendizagem não unicamente como de ordem biológica como já referido, mas sim relacionadas a vulnerabilidade social que os estudantes dos filmes vivenciam. Dificuldade de aprendizagem é diferente de transtorno de aprendizagens, pois as dificuldades estão relacionadas a diversos fatores. Segundo SAMPAIO (2014, pág. 28) as principais características das dificuldades de aprendizagem afirmam que:

[...] o desempenho não é compatível com a capacidade cognitiva da criança ou do jovem; a dificuldade ultrapassa a enfrentada por seus colegas de turma, tendo geralmente resistente ao seu esforço pessoal e ao de seus professores, em superá-la, gerando uma autoestima negativa;

[...] são geralmente transitórias;

podem ser evitadas tomando-se cuidado em respeitar o nível cognitivo da criança e permitindo que esta possa interagir com o conhecimento: observar, compreender, classificar, analisar, etc.

Pensando em relação a vulnerabilidade social, as dificuldades de aprendizagem, essas podem ser passageiras e relacionadas.

Segundo SAMPAIO (2014, pág.28) as dificuldades generalizadas de aprendizagem surgem: [...] na escola (em geral na troca); na família (desorganização, excesso de atividades extracurriculares, pais muito ou pouco exigentes); [...] por causa dos problemas emocionais.

A partir dos conceitos de vulnerabilidade e dificuldades de aprendizagem é plausível pensar na necessidade de estabelecer relações entre o planejamento e o uso de estratégias pedagógicas no trabalho desenvolvido por professores/as em sala de aula. Segundo Konrath *et al.* (2009) a ação educativa tem como propósito ajudar a desenvolver no educando capacidades que lhe permita ser capaz de viver em sociedade, interagir com o meio em que vive, selecionar as informações que necessita. A prática pedagógica carece ter as especificidades dos estudantes levadas em conta, tendo consciência de quem é esse aluno e quais são os seus interesses, assim como contemplar um amplo conjunto de experiências vivenciadas pelo sujeito no que se refere aos conhecimentos sociais, científicos, políticos e econômicos, fazendo com que esse sujeito vivencie esses processos. A partir deste viés o professor tem a função de ser facilitador, incentivador e mediador da aprendizagem de seus alunos.

Quando tratamos de alunos em vulnerabilidade social e/ou com dificuldades de aprendizagem é preciso pensar em estratégias e práticas que visibilizem esses sujeitos, que os façam pertencentes a escola e ao ambiente escolar, que os ensine a ser aluno, mobilizando sua necessidade de aprender. É aí que entra o planejamento com estratégias pensadas e elaboradas intencionalmente, com vistas ao estudante “real” que visa atingir, e não um aluno idealizado.

Eis o poder do planejamento. É ele uma proposta didático-pedagógica que se fundamenta em pressupostos teóricos e em princípios orientadores. Ou seja, há intenções no fazer pedagógico. Tenho conceituado *pressupostos* como a expressão da fundamentação teórica; são os alicerces, as referências para a prática; representam as metas e, até os ideais e vice-versa. É uma forma de promover reflexão sobre a ação (está havendo uma aproximação ou não aos ideais?) (RODRIGUES, 2002, pág.16)

Como refere a citação acima o planejamento tem poder, é ele a proposta didático-pedagógica onde o professor/a alimenta seus pressupostos de ensino, onde ele mostra por qual viés ou teoria acredita em como o estudante de fato aprende ou pode aprender melhor em sala de aula.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo justifico meu interesse pelo tema da vulnerabilidade social e suas implicações no processo escolar dos/as estudantes, bem como apresento o caminho metodológico percorrido para a organização do material empírico. Realizei meu estágio docente obrigatório em uma turma de terceiro ano do Ensino Fundamental em uma escola municipal localizada no Bairro Bom Jesus, zona leste de Porto Alegre. Esse bairro é considerado o 12º no *ranking* da Prefeitura de Porto Alegre no índice de vulnerabilidade social. É um bairro essencialmente residencial e dispõe de pequenos comércios e serviços. O perfil étnico-social de seus moradores é bastante heterogêneo, o que é demonstrado pela diversidade religiosa e cultural existente entre as pessoas.

A turma A32 demonstrava, muitas vezes, resistência aos conhecimentos e aprendizagens ofertadas em sala de aula. Algumas crianças evidenciavam comportamentos competitivos e agressivos, pouco ajudando umas às outras, sendo necessária a interferência constante da professora. Aos poucos, os estudantes pareceram integrar-se um pouco mais, e os conflitos e as dificuldades na aprendizagem e nos relacionamentos continuaram a destacar-se em casos mais específicos.

Para mim, as dificuldades de comportamento eram marcadas pelas circunstâncias sociais e culturais vividas pelas crianças e aprofundadas pelas vulnerabilidades às quais estavam expostas no bairro e na família. As dificuldades comportamentais e na aprendizagem, possivelmente eram consequências deste conjunto de fatores; eram corpos agitados, inquietos, irritados, como se estivessem sempre na defensiva – em relação a alguém ou a alguma coisa. O bairro também era assim: agitado, agressivo e inquieto. As crianças e eu presenciamos: tiroteio, pessoas baleadas, briga pelo tráfico, familiares presos, etc. Então, a partir da reflexão sobre meu estágio docente, interessava-me refletir sobre as estratégias pedagógicas passíveis de

serem utilizadas em sala de aula por professoras e professores, levando em consideração o contexto sociocultural dos alunos e as situações de vulnerabilidade provocadas por ele.

Dando continuidade a esse interesse, optei, apoiada nos aportes dos estudos culturais, por analisar as estratégias pedagógicas utilizadas por professores/as em filmes, aproximando, assim, o cinema e a educação.

3.1 A ETNOGRAFIA DE TELA

Para verificar as estratégias pedagógicas para lidar com situações de vulnerabilidade social, resolvi analisar filmes que tiveram ampla divulgação no cinema e na TV, a fim de localizar as estratégias referidas. O problema de pesquisa deste TCC pergunta: que estratégias pedagógicas são visibilizadas em filmes para o ensino de jovens em situações de vulnerabilidade social?

O material empírico é composto de três filmes: *Ao Mestre, com carinho*, *Escritores da liberdade* e *Mentes perigosas*. Para dar conta da questão de pesquisa, os procedimentos centrais foram: realizar a etnografia de tela e selecionar as cenas que trouxessem como foco as vulnerabilidades apresentadas pelos alunos e como elas se refletiam nos modos de estar na escola. O objetivo central da pesquisa foi analisar as soluções pedagógicas encontradas pelos/as professores/as dos filmes para motivar à aprendizagem e mobilizar o desejo de estar na escola.

Os tipos de filme que procurei para a pesquisa foram filmes que abordassem alunas/os com dificuldade de aprendizagem ou de comportamento – geralmente, provocadas por suas situações culturais e econômicas – e professoras/es que se mostrassem sensíveis a estas situações, buscando minimizar essas dificuldades e proporcionando novas experiências de aprendizagem e de relação com a escola.

Para a escolha dos filmes me aproveitei da sugestão de colegas de curso, de minha orientadora, da minha família, da busca em sites da Internet ¹ onde haviam lista

¹ <https://www.lendo.org/21-filmes-em-que-a-educacao-e-um-tema-criativo/>
<https://www.revistaprosaveroearte.com/25-filmes-para-pensar-e-repensar-a-educacao/>

de filmes com o tema que queria abordar, procurando sempre filmes que mostrassem a vulnerabilidade experimentada por estudantes em diferentes situações a relação aluno/professor nestas condições. Antes de decidir pelos filmes analisados, li a sinopse de muitos filmes e assisti a todos que pareciam pertinentes.

Ao assistir os filmes pela primeira vez, percebi que precisaria de uma metodologia de pesquisa que me permitisse olhá-los com profundidade, mergulhando nas cenas. Uma metodologia que me ensinasse outro modo de olhar um filme e de descrever (em detalhes) as cenas escolhidas. Foi então que conheci, no texto de Patrícia Balestrin e Rosângela Soares (2012), a etnografia de tela. Inspirada nos aportes da etnografia tradicional, as autoras buscam aplicar estratégias de análise etnográfica em investigações que optem pela análise de imagens, como as de programas de televisão ou produções cinematográficas. As autoras compreendem a "etnografia de tela" como a possibilidade de unir aportes da pesquisa etnográfica às ferramentas próprias da análise do cinema. Elas ensinam que é necessário um longo período de contato com o filme; que registros em diário de campo acerca dos pontos potenciais para análise investigativa e a escolha de determinadas cenas para a realização do estudo são procedimentos essenciais para a efetivação de uma etnografia de tela. Corroborando o dito até aqui, Carmen Rial afirma que a etnografia de tela.

[...] é uma metodologia que transporta para o estudo do texto da mídia procedimentos próprios da pesquisa antropológica, como a longa imersão do pesquisador no campo (no caso, em frente à televisão), a observação sistemática e o seu registro metódico em caderno de campo, etc.; outras próprias da crítica cinematográfica (análise de planos, de movimentos de câmera, de opções de montagem, enfim, da linguagem cinematográfica e suas significações) e outras próprias da análise de discurso. (RIAL, 2004, p. 31).

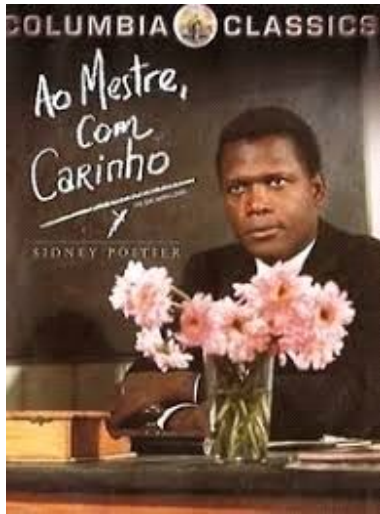
Olhar os filmes a partir de uma perspectiva pedagógica, permite pensar que a educação é um processo cultural que ultrapassa a escola, e precisamos pensar em outros artefatos para estudá-la.

Os estudos dos diferentes artefatos culturais têm proporcionado um outro olhar para a área da educação, vista agora como muito menos restrita ao espaço escolar e muito mais aberta a conexões com outros lugares sociais. Trata-se de um olhar que descentra o sujeito e o vê inscrito em práticas culturais enredadas em relações de poder. Assim, pesquisadores vêm agregando às suas análises questões culturais de gênero, raça, etnia, classe social e outras nuances que o contexto das pesquisas exigir, formulando outras questões e tendo em vista, principalmente, a complexidade dos acontecimentos sociais. (FABRIS, 2008, p.121).

Minha pesquisa tem como foco, a partir da análise dos filmes escolhidos, pensar o cinema como um artefato cultural, pensar as questões da escola sem estar no seu espaço físico, quebrar a barreira entre realidade e ficção e pensar estratégias pedagógicas por meio do cinema. No capítulo analítico, trago as cenas selecionadas para análise e a reflexão sobre as questões pedagógicas utilizadas pelos professores/as dos filmes descritos.

5 SINOPSE DOS FILMES

Neste capítulo, apresento os filmes escolhidos a partir da metodologia da etnografia de tela. Passo, então, a descrever os filmes analisados, contextualizando seu enredo e o período histórico de sua produção.

Ficha técnica: AO MESTRE, COM CARINHO	
	
Título Original: <i>To sir, with love</i>	
Título Traduzido: <i>Ao mestre, com carinho</i>	
Gênero: Drama	
Roteiro: James Clavell	
Direção: James Clavell	
Ano de produção: 1967	
País de produção: Reino Unido	
Duração do filme: 105 min	
Personagens:	
Professor: Mark Trackeray (Sidney Poitier)	
Representantes da escola:	
Diretora escolar: Grace Evans (Faith Brook)	
Vice-diretor: Alexander Florian (Edward Burnham)	

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/To_Sir,_with_Love>. Acesso em: 02 set. 2018.

O filme *Ao Mestre, com carinho* é uma obra britânica do ano de 1967, no estilo *High School*, baseada no livro homônimo de E.R. Braithwaite, um autor que também foi professor. A história se passa em uma comunidade pobre de Londres e tem como protagonista o ator Sidney Poitier no papel de um engenheiro eletrônico negro que, não conseguindo emprego em sua área, assume uma turma de alunos, predominantemente, brancos. O filme coloca em debate questões sociais e raciais que, visibilizadas em diferentes cenas, explicitam as vulnerabilidades vivenciadas pelos estudantes, mas cabe esclarecer que, neste trabalho, não focarei nas questões raciais apontadas no filmes. O diretor da escola explica que os alunos são oriundos de outras escolas, onde foram rejeitados por serem problemáticos e difíceis. Quando o professor Thackeray inicia as aulas, percebe logo a rejeição dos alunos e compreende o tamanho da tarefa que teria pela frente; logo de início, os alunos enfrentam-no e questionam suas ações. Em uma cena em que o professor escreve a matéria no quadro para que copiem e realizem a tarefa, acaba percebendo que poucos alunos sabem aquele conteúdo e que teria que rever suas estratégias e intenções iniciais. A partir disso, e dos comportamentos difíceis observados, o professor organiza uma nova tática com os jovens na sala de aula. Em um primeiro momento, começa a chamar os meninos pelo sobrenome e as meninas, de senhorita; conversa sobre higiene pessoal; propõe aos alunos que conversem sobre o que eles têm interesse, e estes querem falar sobre casamento. Assim, o professor acaba se aproximando dos alunos.

Ficha técnica: ESCRITORES DA LIBERDADE

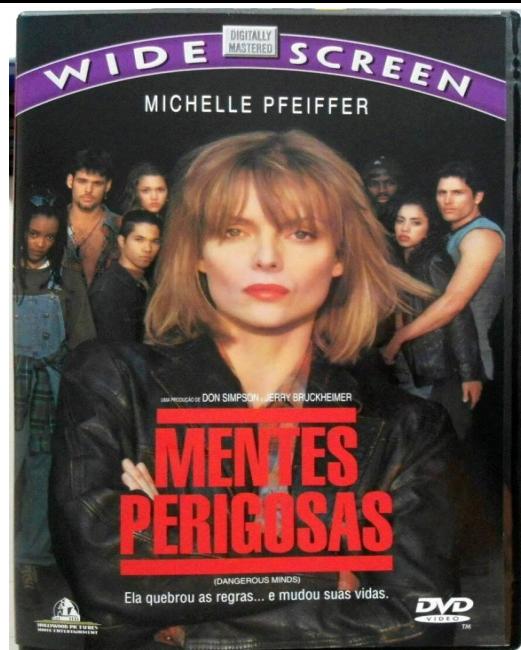


Título Original: <i>Freedom writers</i>
Título Traduzido: <i>Escritores da liberdade</i>
Gênero: Drama
Roteiro: Richard Lagravenese
Direção: Richard Lagravenese
Ano de produção: 2007
País de produção: Estados Unidos
Duração do filme: 123 min
Personagens:
Professora: Erin Gruwell (Hilary Swank)

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Freedom_Writers>. Acesso em: 02 set. 2018.

Lançado em agosto de 2007, o filme *Escritores da liberdade* é baseado em fatos reais. A história se passa na escola Woodrow Wilson em Long Beach, California, e gira em torno da necessidade da criação de vínculos sociais em sala de aula; com isso, coloca questões sociais e também raciais em debate. Erin Gruwell é formada em Direito, mas decide dar aula em uma escola onde houvesse projetos de integração social para jovens da periferia, justamente por acreditar que a sala de aula é o caminho para que os adolescentes não sejam julgados nos tribunais. O roteiro, assinado por Richard Lavaganese e Erin Gruwell, fala sobre os desafios enfrentados pela professora recém-formada Erin Gruwell com seus alunos e a possibilidade de mudança por meio da educação. O filme é baseado no livro *best-seller The freedom writers diaries*, que reúne os relatos da professora e dos seus alunos. A professora é uma docente recém-formada que leciona as disciplinas de inglês e literatura para o primeiro ano do Ensino Médio. Ela busca a criação de estratégias pedagógicas que privilegiem o pensamento crítico, promovendo a leitura de obras literárias, com destaque para o *Diário de Anne Frank*.

Ficha técnica: MENTES PERIGOSAS



Título Original: *Dangerous minds*

Título Traduzido: *Mentes perigosas*

Gênero: Drama

Roteiro: Ronald Bass

Direção: John N. Smith

Ano de produção: 1995

País de produção: Estados Unidos

Duração do filme: 99min

Personagens:

Professora: Louanne Johnson (Michelle Pfeiffer)

Fonte: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Mentes_Perigosas_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mentes_Perigosas_(filme))>. Acesso em: 02 set. 2018.

O filme *Mentes perigosas* conta a história verdadeira da ex-fuzileira naval e professora Louanne Johnson. Sua trajetória em uma escola norte-americana de Ensino Médio para alunos muito capazes, porém, com grandes problemas sociais é abordada. Ao deparar-se com esses alunos problemáticos e sem interesse em dedicar-se aos

estudos, ela, que a princípio mantinha uma postura tradicional de ensino, percebe que precisa reformular sua prática pedagógica para criar um vínculo com seus alunos, a fim de motivá-los. Ao transformar radicalmente a sua atitude dentro de sala de aula, trazendo para suas aulas assuntos relevantes à realidade de mundo de seus alunos, ela enfrenta automaticamente a resistência da direção da escola, que insiste na ideia de que os alunos devem, exclusivamente, ater-se ao programa educacional preestabelecido e jamais participar de atividades que não forem relacionadas a ele.

6 ANÁLISE DE CENAS DOS FILMES

Neste capítulo, descrevo algumas cenas produzidas nos filmes escolhidos a partir da metodologia da etnografia de tela. Analiso nas cenas as estratégias utilizadas pelos professores e professoras para aproximar-se dos alunos e fazê-los gostar de estar na escola e aprender, na ânsia por transformá-los em estudantes. No sentido literal da palavra, estudante como um indivíduo que estuda, estudante como “[...] uma categoria existencial [...]”, um modo de ser e pertencer a escola, indivíduo ligado ao estudo. (LARROSA, 2018, p.155).

Assim, tento compreender, em alguma medida, os efeitos que as estratégias utilizadas nos filmes produziram nos sujeitos apresentados como alunos o desejo de colocarem-se como estudantes, bem como a viabilidade destas estratégias no cotidiano escolar. Trago o cinema como foco de investigação para analisar a complexidade dos processos sociais no campo da educação em sua articulação com a vulnerabilidade social.

Compreendi, com a etnografia de tela, que para assistir a um filme e analisá-lo, é preciso aprendizagens específicas.

Nessa perspectiva, passo a tomar o cinema como uma produção cultural que não apenas inventa histórias, mas que, na complexidade da produção de sentidos, vai criando, substituindo, limitando, incluindo e excluindo “realidades”. Portanto, passei a tomar os filmes como produções datadas e localizadas, produzidos na cultura, criando sentidos que a alimentam, ampliando, suprimindo e/ou transformando significados. (FABRIS, p.120,2008.)

Cena do filme *Escritores da liberdade*: Primeiras semanas de aula de Gruwell:

Essa cena mostra as primeiras semanas de aula, quando os alunos “dificultam” a aula, mostrando que não estavam interessados no que a professora Gruwell tinha a ensinar; inclusive, muitos fazem apostas sobre quanto tempo a professora duraria em sala de aula. Porém, um fato mudou o rumo daquela turma. Quando uma caricatura de um dos estudantes, que é afro-americano, circula pela sala de aula, a professora Erin Gruwell aproveita a oportunidade e, pegando rapidamente o desenho, compara-o aos retratos dos judeus, feitos por nazistas durante o Holocausto.

A partir da comparação apontada na cena acima, os estudantes responderam de forma bem confusa quando a professora pediu que levantasse a mão quem soubesse o que é Holocausto e apenas um aluno levantou a mão, o que chocou Gruwell, pois percebeu que a maioria de seus alunos nunca havia ouvido falar sobre Holocausto e não tinham conhecimento do que se tratava. Entretanto, quando perguntou quantos em sua classe tinham sido alvos de disparos por armas de fogo, quase todos levantaram as mãos. Isto deixou Erin Gruwell chocada, mas inspirada a não desistir daqueles jovens e a mudar suas intervenções pensando na vulnerabilidade social que vivenciavam.

Ao se falar em vulnerabilidade social, seja de natureza pessoal, social ou ambiental, se caracteriza por expor famílias a fatores de risco, que colaborem para que seus membros padeçam de perturbações psicológicas. Assim, a vulnerabilidade social pode estar presente em uma única família ou em uma comunidade inteira. (CARARA, p. 3, 2017).

Nessa cena a estratégia pedagógica da professora foi utilizar o desenho do aluno exposto em sala de aula para instigar a reflexão para um conteúdo que não é do conhecimento dos alunos. Ou seja, a professora partiu de um dado da realidade da sala e que parecia estar incomodando alguns membros do grupo e, ao invés de colocar a situação como um problema, como algo inadequado em sala, condenando a atitude dos envolvidos, ela problematiza a situação e o desenho se torna uma ferramenta, um recurso pedagógico para trazer aos alunos um conteúdo que é parte do currículo escolar. Segundo Rodrigues (2002) o planejamento deve ser feito a partir de referências na busca de intencionalidades, percebendo que a ação pedagógica deve estar sustentada por pressupostos teóricos, mas, ao mesmo tempo, o planejamento deve ser flexível. Naquele momento a professora deixa em suspenso o que estava fazendo para sensibilizar os alunos que ironizavam um colega negro em sala a partir de uma caricatura do mesmo, mostrando que atitudes de preconceito como aquela, remetem a mesma atitude que os nazistas tiveram com judeus reféns do holocausto. Considerando que estes alunos foram aceitos compulsoriamente na Escola Wilson, em função de uma

lei de integração racial², criada em 1992 na Califórnia, aprovada pela Secretaria de Educação, o comportamento dos jovens parecia fora de contexto. A atitude dos estudantes evidencia para a professora que há na turma um grande conflito étnico e social, com segregação de alguns e a formação de pequenos guetos compostos pelos diferentes grupos: negros, brancos, hispânicos. As diferenças que poderiam servir para uni-los, serviu ao contrário para desunir, isolar e discriminar, reforçando um sentimento de ódio que era comum nos EUA da época. A professora então, utiliza a analogia com o nazismo para desenvolver um trabalho reflexivo, problematizando noções como respeito, tolerância e empatia. Desenvolve um projeto que estimula a leitura e a escrita, principalmente a escrita reflexiva de si, na forma de um diário, inspirada na leitura e discussão do livro “O diário de Anne Frank”. O trabalho mobilizou, sensibilizou e instigou os estudantes que passaram a refletir sobre suas posições sociais e étnico raciais, que passaram a ver a dor do outro como próximas as suas.

Outra cena do filme *Escritores da liberdade* que possibilita pensar as intervenções pedagógicas da professora Gruwell, é descrita abaixo:

Cena do filme *Escritores da liberdade*: Dinâmica em grupo:

Nesta aula, Erin Gruwell divide a sala em dois grandes grupos, colando no chão uma fita adesiva vermelha. O jogo consiste em perguntas sobre possíveis situações vivenciadas pelos alunos. A cada pergunta, deveriam aproximar-se ou distanciar-se da faixa vermelha no chão, caso se identificassem com o tema. Dessa forma, muitos ficariam frente a frente. Se não quisessem participar, poderiam ficar sentados ou ler livros, mas só sairiam depois do sinal da escola. Então, a professora começou a fazer as perguntas:

Primeira pergunta: Quantos aqui têm o novo CD do Snoop Dogg?

Próxima pergunta: Quantos aqui viram Boyz n the Hood – Os donos da rua?

Próxima pergunta: Quantos aqui moram em conjuntos habitacionais?

Quantos conhecem alguém, amigo ou parente, que já esteve ou está preso ou num reformatório?

Quantos aqui já estiveram em um reformatório, ou presos, pelo tempo que for?

Campo de refugiados conta? [pergunta Sindy Ngor, que se aproxima da linha]

Você decide.

Quantos aqui sabem onde comprar drogas agora?

Quantos conhecem um membro de gangue.

Certo, que pergunta idiota, não é? A escola proíbe participação em gangues. Peço desculpas por perguntar. Foi mal. Certo, vou perguntar algo mais sério.

Pise na linha quem tiver perdido um amigo por violência de gangue.

Fique na linha quem tiver perdido mais de um amigo. Três, quatro ou mais.

A aula termina e os alunos percebem que tiveram experiências idênticas. A professora então pede uma homenagem em respeito a eles mesmos e aos mortos, cada um dos alunos deveria repetir em voz alta os nomes daqueles que perderam.

Nesse momento, Gruwell apresenta vários diários que estão sobre a mesa, nos quais deveriam escrever tudo o que lhes viessem à cabeça; poderia ser música, poesias, desabafos, etc. Pois todos tinham uma história e era importante que a registrassem, nem que fosse para eles próprios. Ela então aponta para um armário, no fundo da sala, no qual poderiam deixar seus diários, caso desejassem que fossem lidos. Não os cobraria pela escrita e nem atribuiria notas. Relutantes os alunos pegam cada um o seu, e apenas Eva ainda resistiu à ideia.

Com essa atividade, que é uma espécie de “jogo”, Gruwell descobre que todos os estudantes daquela turma já haviam passado por algumas situações de fragilidade, de exposição, de preconceito, de perseguição; todos os alunos identificam-se com alguma das perguntas que a professora realiza, mostrando, assim, o ambiente vulnerável e a fragilidade a que estão expostos em seus ambientes familiar e social.

A vulnerabilidade social aborda diversas modalidades de desvantagem social, mas principalmente a fragilização dos vínculos afetivos, relacionais, ou vinculados à violência. As relações em contexto de vulnerabilidade social geram crianças, adolescentes e famílias passivas e dependentes, com a autoestima consideravelmente comprometida. (CARARA, 2017, p.3).

Além do ambiente vulnerável e da fragilidade desses jovens, aponto a questão da dificuldade que possuem para pensar sobre demandas de suas vidas, para se colocar no lugar do outro, pois estão mais focados em si mesmos e nas suas fragilidades. Muitos desses jovens demonstram ter a autoestima totalmente comprometida, como é mencionado na citação acima, este comprometimento se manifesta, boa parte das vezes, em forma de agressividade e intolerância, tornando complicada a convivência e as possibilidades de aprender num lugar tão hostil. Outro aspecto importante da vulnerabilidade destacado nos filmes analisados é a impossibilidade, na visão dos jovens estudantes, de mudar a situação vivida, sua sensação de fragilidade diante de suas próprias vidas. Assim, além de serem hostis, são algumas vezes arrogantes para

camuflar sua impotência diante do que não pode ou do que não sabem como mudar. Parece que não há escolhas para estes jovens, e a escola, muitas vezes, surge como um lugar redentor, mas nem um pouco atraente e nada sensível às suas necessidades de aprendizagem. Aprender para resistir, aprender para conhecer, aprender para conviver, aprender para não sucumbir. Já é quase senso comum que as situações de maior vulnerabilidade social acometem pessoas ou famílias de baixa renda e com pouca escolarização, situação comum a todos os jovens estudantes dos filmes.

A baixa escolaridade tem se mostrado, através de estudos já realizados, um dos principais indicadores entre os motivos que levam a população à pobreza extrema e à vulnerabilidade social. (KAZTMAN, 2005 apud SILVA, 2007, pág.2).

Cena do filme *Escritores da liberdade*: Poesia

A professora liga um aparelho de som que toca um rap de Tupac Shakur. Antes, anuncia que iriam discutir sobre poesia e pergunta quem conhecia o cantor daquela música. Distribui, então, a letra da música para os alunos e explica que é um exemplo de rimas. Pedem-lhes que leiam a frase que havia escrito na lousa e afirma que o autor escreve de forma sofisticada e interessante. Um dos alunos começa a cantar a letra da música, e outros o acompanham. Irritam-se, dizendo que a branquela pensa que eles não conheciam aquele rap e queria ensinar-lhes sobre essa música.

Homem-criança na terra prometida não teve muitos heróis.

Ele só via as mães

Os pais não davam as caras

E, não, acho que você não sabia que eu me tornaria tão forte

Empalideceu, foi algo que bebeu?

Papai se enganou

Cadê o dinheiro que você falou que ia me mandar?

Que ia me ligar e falar com um amigo.

Todos a recriminam e duvidam que ela saiba lecionar. Ela se irrita e manda-os trocar de lugar. O aluno Jamal sorri ao vê-la nervosa, mas não gosta da forma autoritária como ela agiu ao mudá-los de lugar e inicia um novo tumulto. Apesar de se ofenderem, sentam-se ao lado de outros alunos de etnias diferentes com animosidade. A professora pergunta-lhes se estavam felizes com as novas fronteiras.

Para Freire (1996, p.43), “considerar a realidade dos educandos e as práticas docentes são ações imprescindíveis para repensar criticamente toda e qualquer intervenção pedagógica, valorizando a participação dos alunos na construção do currículo”. Na cena em que ela propõe aos alunos que analisem poesias, ela nada mais quer que despertá-los para uma reflexão crítica da realidade em que estão inseridos, pois ela seleciona uma poesia que traz questões da vida e da realidade dos estudantes, além de ser um estilo musical apreciado pelos alunos. Mediante essa estratégia pedagógica, Gruwell busca que os estudantes tenham um pensamento crítico e uma reflexão sobre o ambiente hostil onde vivem, um ambiente onde há violência.

Cabe ao docente o desafio de fazer da sala de aula um espaço que valoriza os saberes e identidade sócio-cultural dos educandos, possibilitando o confronto de significados, desejos, experiências. O professor deve garantir a liberdade e a diversidade das opiniões dos alunos. Nesse sentido ele é obrigado a abandonar crenças e comportamentos que negam ao aluno a possibilidade de aprender a partir do que sabe e chegar até onde é capaz de progredir. É preciso interrelacionar os conteúdos com a vida dos alunos, ressaltando a utilidade do conhecimento para a vida do sujeito. (MOREIRA, 2015, pág.507).

Ainda nessa cena é possível pensar sobre o processo de ensino e aprendizagem em que Louanne aproveita a música de um rapper famoso chamado Tupac, que é do conhecimento dos estudantes para motiva-los, e com isso conseguir a atenção deles. Alguns críticos e membros da indústria da música o nomearam como o maior *rapper* de todos os tempos. Além de ser músico, Tupac também foi ator e ativista social e a maioria das suas canções tratam sobre como é crescer no meio da violência e da miséria nas periferias, aborda ainda o racismo e os problemas da sociedade. Este *rapper* mobilizava os jovens marginalizados ou militantes de sua época, por isso a professora entendeu que trazer sua música como texto a ser lido e interpretado na sala de aula poderia ser uma estratégia potente. O trabalho dele é conhecido por defender a igualdade política, econômica, social e racial. Por essa questão os jovens se identificam com o rapper, por cantar músicas que expressam situações que vivem em suas vidas, ou seja, suas realidades.

O objetivo da professora era utilizar a música para que os estudantes pudessem refletir sobre si mesmos, sobre a realidade onde vivem. A professora demonstra em sua prática que para ocorrer o processo de ensino aprendizagem é preciso um envolvimento das duas partes, ou seja, da professora e dos e alunos. As escolas e os professores precisam cada vez mais estar atentas ao contexto e a realidade em que o estudante está inserido e não ignorar qualquer fator seja ele, social, econômico ou cultural. Segundo Konrath *et alt.*, 2009 o sujeito aprende com os seus pares e com os objetos a seu redor, aprende na interação, construindo a partir disso, relações com o mundo que o cerca, na medida em que ele observa a realidade, questiona-a, investiga-a, levanta hipóteses e pesquisa.

Cena do filme *Mentes perigosas*: Caratê como estratégia pedagógica:

Louanne, vestida de calça jeans, jaqueta de couro e botas, aguarda os alunos em sala, sentada em sua cadeira e com os pés sobre a mesa do professor. Uma das alunas entra e pergunta-lhe se o que lhe acontecera na aula anterior já não teria sido suficiente. Enquanto os demais entram em sala, conversando e rindo, Louanne vai até o quadro e escreve que era uma marinheira e que sabia lutar caratê. Uma aluna quer saber se aquilo era verdade mesmo. A professora explica que era reservista, mas que havia sido uma oficial da marinha. O aluno Emilio Ramirez diz que lutaria com a professora, que afirma não poder tocar nos alunos, mas se ele quisesse uma demonstração poderia ir até a frente. Diante da negativa do aluno, porque ela não o tocaria, a professora chama outro e aponta para Durrell Chang e Raul Sancho. Ambos vão à frente e iniciam movimentos como se estivessem lutando, mas Louanne critica aluta dos dois. Um aluno aproxima-se da professora e faz um gesto de ataque de caratê e, imediatamente, a professora defende-se; os outros se entusiasmam, riem e caçoam do colega. Enquanto isso, a professora organiza um espaço para organizar as primeiras instruções da luta. Ensina aos dois alguns golpes de defesa do caratê, mas um dos estudantes exagera, e o outro reclama. Acaba tendo início uma discussão, mas a professora consegue interrompê-la, dizendo-lhes que toda a turma iniciaria o curso com nota máxima, mas que, a partir daquela data, teriam que se dedicar para mantê-la.

A partir da cena descrita acima, retomo a ideia de que a escola deve ser um espaço de invenção, de criação, de socialização, de formação de vínculos e de múltiplas aprendizagens. Com a estratégia utilizada, a professora começa a trazer os alunos para

si, mostrando que uma professora possui outros conhecimentos e vive experiências compatíveis com as experiências e /ou interesses dos alunos. Louanne aproveita o fato de ser ex-militar e saber caratê para motivar os alunos e, com isso, conseguir sua atenção. Com essa dinâmica, ela mostra que, para ocorrer o processo de ensino/aprendizagem, é preciso um envolvimento de ambas as partes – professora e alunos – e que talvez não sejam os conhecimentos ditos escolares o melhor caminho para este envolvimento. Uma escola como a do filme, e muitas outras que existem hoje, não estão nem um pouco interessadas no contexto ou realidade em que o aluno vive, nos interesses ou dificuldades que possui, no que almeja para o futuro, na forma como vive em seu contexto social... Ignora qualquer fator, seja ele, social, econômico ou cultural.

Após a cena em que Louanne ensina aos alunos noções de caratê, ela é chamada pela coordenadora pedagógica, que afirma que a professora não pode trabalhar essas questões com os jovens e que é preciso seguir um currículo preestabelecido pela escola –mesmo que este currículo demonstre não estar dando conta da realidade e do contexto de seus alunos/as, mesmo que este currículo não esteja possibilitando aprendizagens, mesmo que este currículo não favoreça a socialização e aprendizagem de aspectos importantes para a vida. Com isso, podemos perguntar se é o aluno que tem dificuldade de aprendizagem na escola ou se é a escola que tem dificuldade em favorecer a aprendizagem do seu aluno.

Podemos pensar que, possivelmente, um procedimento só será eficaz se a ação pedagógica interferir na realidade dos educandos, ou seja, a escola e os professores têm que buscar parcerias com a família, com a comunidade e onde mais for possível ou preciso. O professor tem que ter proximidade com seus alunos para poder diagnosticar suas dificuldades e facilitar a aprendizagem, empregando técnicas variadas de ensino. Caberia capturar o aluno que tem problemas, chamar a família para trabalhar em parceria, e não para cobrar seu suposto fracasso, como é de costume. O professor, para ser educador, tem que ter compromisso com a educação, tem que ser um mediador e facilitador do ensino para que os alunos aprendam.

A figura do professor, que passa um período significativo do dia convivendo diretamente com os alunos, deve conhecer seus alunos e assumir um papel de referência para as crianças,

ficando apto a identificar suas dificuldades e interferir de maneira positiva, de forma a promover situações favoráveis à aprendizagem. (CARARA, 2017, p.8).

O filme *Mentes perigosas* remete-nos a muitas questões do cotidiano em nossas escolas. Uma dessas questões, que me chamou a atenção durante todo o estágio docente, foi o fato de nós, professoras, não estarmos prontas para enfrentar a vulnerabilidade a que estão expostos nossos alunos. Após minha experiência em sala de aula, reflito que, além das ações pedagógicas que estudamos ao longo de nossa formação como docentes, precisamos estar atentas às questões sociais e de vida dos estudantes que estão em nossas salas de aulas, fazendo com que sejam protagonistas de sua aprendizagem. “O professor deve assumir o papel de facilitador dentro da escola, onde o aluno possa ser o protagonista dentro do processo de ensino aprendido que deve ocorrer de forma integrada.” (CARARA, 2017, p.09).

Cena do filme *Mentes perigosas*; consequências do ensino de caratê:

Em reunião com Carla Nichols que é a vice-diretora e o diretor, Louanne é criticada, primeiramente, por ter entrado na sala da diretoria sem ter batido na porta, depois por ter ensinado caratê aos alunos, o que era ilegal; se houvesse lesões corporais, poderia receber um processo judicial. O diretor informa que deveria seguir o programa da Secretaria de Ensino, mas a professora questiona-o, pois, seus alunos nem sabiam o que era um verbo. A vice-diretora aproveita para dizer que ensinar verbos em uma frase sobre morte não era o indicado. Mais uma vez, Louanne defende-se, afirmando que precisava de uma frase de impacto, que era mais indicada que o livro escolhido para a leitura. No entanto, o diretor insiste para que ela siga o currículo de qualquer maneira.

A partir da cena em que a professora Louanne ensina caratê para os alunos e da cena descrita acima, em que é chamada pelo diretor e pela vice-diretora, penso na questão do currículo e da sala de aula, porque a sala de aula é constituída pelo currículo, ela é o próprio currículo, trazendo o ambiente de vulnerabilidade em que esses jovens mostrados no filme estão inseridos, pois tudo o que realizamos na escola está ancorado em uma perspectiva de currículo.

O currículo é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo. As teorias do currículo, tendo decidido quais conhecimentos devem ser selecionados, buscam justificar por que “esses conhecimentos” e não “aqueles” devem ser selecionados. (SILVA, 2017, p.15).

Tudo que se ensina é currículo, como diz a citação; o currículo é a seleção daquilo que se ensina e como se ensina. Se a professora decidiu ensinar caratê, ela escapou ao documento curricular oficial da escola, mas inseriu no seu planejamento ensinar caratê, o que passou a caracterizar o currículo em ação daquela professora. Ao mesmo tempo, penso que, antes de ensinar o que está posto no currículo oficial, é preciso ensinar diversas coisas às crianças e jovens antes de conteúdos propriamente ditos; muitos desses estudantes precisam aprender a serem alunos, a serem cidadãos. Nessa mesma cena, Louanne também é questionada por ter usado uma poesia sobre morte para ensinar a conjugação de verbos para a turma, parece que há coisas que podem ser ditas e outras não no contexto da escola. A morte, por meios mais violentos, é algo que está no cotidiano daqueles jovens na periferia onde moram e a intenção da professora, ao tomar este assunto como tema, é utilizar um assunto que é difícil, mas que faz parte da vida e que precisa ser vivido para refletir, mas ao mesmo tempo, para produzir outros conhecimentos, propriamente escolares, e desenvolver outras habilidades como realizar inferências, predições e construir conhecimento sobre um conteúdo que precisa ser ensinado, nesse caso a conjugação de verbos. Aqui ressalto a importância de o professor em sala de aula ensinar e construir uma postura de estudante nos jovens, ou seja, estimular um comportamento de alguém que está na escola para aprender e que não se aprende de modo passivo. Obviamente as estratégias pedagógicas que serão utilizadas para isso, nem sempre correspondem ao currículo oficial, mas compreendo que o planejamento deve ser flexível e o currículo não é algo fixo, rígido, dado de uma vez para sempre. Neste sentido Konrath (*et al.*, 2009) afirma que é importante que seja considerado o contexto, a prática, as estratégias pedagógicas e as experiências dos sujeitos no processo de ensino-aprendizagem como forma de possibilitar que se tenha uma aprendizagem de qualidade em todos os níveis de ensino.

Cena do filme *Mentes Perigosas*: Análise da música *Mr. Tambourine Man*, de Bob Dylan.

Dylan:

Raul Sancho lê, com dificuldade, as duas primeiras linhas da música de Bob Dylan, e depois Taiwana termina o refrão: Hei! Senhor Tocador de Tamborim, toque uma canção pra mim. Não estou dormindo, e não há lugar onde eu possa ir. Hei! Senhor Tocador de Tamborim, toque uma canção para mim.... A professora explica que a música poderia ser interpretada como uma forma de abordar questões relativas às drogas e que Mr. Tambourine Man poderia ser uma espécie de codinome para desviar a atenção das autoridades, pois, na década de 1960, havia uma forte pressão contra usuários de drogas. Um debate inicia-se entre os alunos, e Louanne aproveita para discutir a questão das escolhas, tentando chamar a atenção de Emilio Ramirez, que se recusa a participar.

Na cena acima, podemos perceber a tentativa da professora Louanne de trazer os alunos para si por meio de atividades com assuntos que, supostamente, são do interesse dos estudantes. Porém, evidencia-se a negativa do aluno Ramirez em participar da atividade proposta, o que pode nos fazer pensar na dificuldade de se compreender e de se portar como estudante demonstrada por este aluno e por muitos outros que temos em nossas salas de aulas, que muitas vezes se recusam a realizar o que foi proposto por não conseguirem ou não quererem executá-lo, o que vai diminuindo as condições de aprendizagem e levando ao fracasso escolar.

Raramente as dificuldades de aprendizagem têm origens apenas cognitivas, por isso atribuir ao próprio aluno o seu fracasso, considerando que haja algum comprometimento no seu desenvolvimento psicomotor, cognitivo, linguístico ou emocional - conversa muito, é lento, não faz a lição de casa, não tem assimilação, entre outros, desestruturação familiar - sem considerar as condições de aprendizagem que a escola oferece a este aluno e outros fatores intra escolares que favorecem a não aprendizagem é inadequado. (BORINE, 2015,p.8).

Cena do filme *Ao Mestre, com carinho* (Sequência das aulas):

O professor Thackeray inicia sua aula fazendo a chamada e em seguida pede que os alunos escolham uma página do livro para lerem. Então, percebe que terá dificuldades, pois os alunos não possuem conhecimento. Na sequência, uma colega professora alerta-o que os alunos são de família violenta e que outro professor

A partir da cena descrita acima, o professor Thackeray reflete sobre suas práticas pedagógicas e vê que precisa mudar suas intervenções em sala de aula. Então, começa a falar de questões da vida adulta nas aulas, ensina sobre higiene pessoal e percebe que os jovens querem saber sobre relacionamentos amorosos e casamento. O professor resolve partir para essa intervenção para chamar os alunos para si. Aqui é possível perceber que é necessário pensar na influência do meio no desenvolvimento e na aprendizagem dos estudantes.

É no ambiente escolar, principalmente em comunidades vulneráveis, que a escola assume funções que vão além do ensino, onde se dá a socialização, lá também são construídos laços afetivos com colegas e professores que poderão ocupar papel importantíssimo na vida de uma criança, principalmente se esta passou por adversidades. A carência afetiva e social das crianças obriga o corpo docente a oferecer mais do que a legislação delega à escola. (CARARA, 2017, p.6)

Cena do filme *Ao Mestre, com carinho* (Visita ao museu):

O professor decide levar os alunos ao museu, fato pouco comum, principalmente para aqueles alunos, que não despertavam confiança, o que faz essa ideia parecer absurda à direção da escola, mas que o professor consegue realizar com êxito, fazendo uma grande diferença no comportamento dos alunos. A visita acontece, e os alunos ficam encantados. Na aula seguinte, é possível perceber que os alunos já não estão tão hostis com o professor, que também percebe a mudança e tenta tratá-los sempre com muito respeito, ouvindo-os e procurando aconselhar no que for preciso. Mostra a mudança dos alunos – já não há mais rebeldia. Denham mostra-se com nova postura e modos – vestir, falar etc. – após longa reflexão sobre as palavras que o professor lhe havia proferido na cena anterior, sobre o caráter e a personalidade de um homem. Essa atitude de confiança do mestre é o que realmente começa a despertar nos alunos uma admiração pelo professor Thackeray.

O filme *Ao mestre, com carinho* traz reflexões sobre alguns problemas sociais, raciais e outros próprios da fase insegura que é a adolescência. Também apresenta mensagens positivas em relação a tudo isso, como, por exemplo, que é preciso refletir sobre algumas atitudes dos alunos, procurando conhecer o motivo delas antes mesmo de

criticá-las, pois, mesmo sendo adolescentes, eles enfrentam problemas, e esses problemas precisam ser resolvidos.

Assim, compondo a camada da população que vive em situação de vulnerabilidade social, há um adolescente que precisa sobreviver e articular a vida de acordo com o que entende sobre tudo isso: do comportamento dos pais, da família, da escola, da comunidade e da sociedade. Ou seja, existe um adolescente que passa a construir suas ideias e relações a partir da compreensão da realidade em que se encontra inserido. Isso porque, ao longo de toda a sua vida, o adolescente circula por grupos familiares, de amigos, profissionais, escolares, religiosos, os quais são responsáveis pela estruturação da sua identidade. (PEREIRA, 2012, p.4).

Logo de início, o professor percebe que a missão a desempenhar não vai ser fácil. Porém, acostumado já com as hostilidades, principalmente por ser negro, enfrenta o desafio, mesmo com seus colegas professores não acreditando na possibilidade de qualquer êxito em seu trabalho em aula. O que realmente faz diferença na proposta de trabalho do professor Thackeray é ele perceber que os alunos deixarão a escola e enfrentarão o mundo que os aguarda, batalhando por uma vaga no mercado de trabalho, com todas as responsabilidades exigidas pela vida adulta.

Desde então, o conteúdo das aulas passa a ser uma conversa franca entre professor e alunos sobre os mais diversos temas, como, por exemplo, a vida, sobrevivência, amor, morte, sexo, casamento. Os alunos vão ter que se submeter a certas formalidades que fazem parte do mundo competitivo, desde a forma de se tratarem entre si, com respeito, ao modo de se vestirem.

A estratégia adotada por Thackeray dá certo, e em pouco tempo ele se torna o grande líder da turma. O aluno Denham ainda tenta hostilizá-lo, mas termina se curvando diante da nova realidade. Ao final do ano letivo, Thackeray recebe um comunicado que confirma o cargo de engenheiro-assistente de uma fábrica de rádios no interior. Entretanto, após receber uma calorosa e carinhosa homenagem de seus alunos, tem dificuldades em decidir se aceita o novo emprego ou se continua lecionando na escola.

Assim, o professor passa a ser responsável por tentar resolver também os dramas vividos pelos seus alunos. São muito importantes a atenção e a dedicação do professor com seus alunos. Independentemente do conteúdo e do programa de ensino, é necessário que haja uma interação e empatia maior entre ambas as partes. A sala de aula deve ser um lugar de troca de experiências e de resgate de valores perdidos na sociedade, como: gentileza, cidadania e respeito. O professor não pode esquecer que ele é formador de opiniões e, por isso, não pode ter medo de enfrentar os problemas que são pertinentes à função do educador.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de conclusão de curso, o foco principal era estudar as estratégias pedagógicas visibilizadas em filmes para o ensino jovens com dificuldades de estar na escola e de se colocar como estudante; bem como compreender de que modo as situações de vulnerabilidade social apresentadas nos filmes ampliavam e aprofundavam estas dificuldades. Parti de perguntas, como professora em reta final de formação, após realizar meu estágio docente em uma comunidade da periferia de Porto Alegre, convivendo com crianças em vulnerabilidade social e crianças com privação cultural imensa, que muitas vezes são vistas como frutos de famílias sem organização, famílias sem interesse pelo desenvolvimento dos filhos.

Concluo que, após essa etnografia de tela, a partir da qual pude refletir sobre estratégias pedagógicas com jovens que vivem múltiplas situações de vulnerabilidade, estou mais atenta as barreiras do sistema educacional. Considerando que muitos profissionais que estão dentro da escola não conseguem ter um olhar atento e individualizado para os estudantes, a fim de pensar nas questões de vulnerabilidade, que muitas vezes acarretam resistências e insubordinações, podendo levar, em consequência, a dificuldades de aprendizagem. Segundo Carara (2017), a dificuldade de aprendizagem decorre de vários fatores, como: fome, desmotivação, falta de estímulo, desestrutura familiar, problemas pessoais, o que interfere na aprendizagem e prejudica o desenvolvimento do aluno, quase todos, fatores de vulnerabilidade.

Ao mesmo tempo que me mantenho realista em relação à competência pedagógica e as estratégias pedagógicas dos professores, fico esperando que promovam grandes feitos dentro de suas salas de aula. Para Konrhat (et al., 2009) a ação educativa tem como propósito ajudar a desenvolver no educando habilidades que lhe permitam ser capazes de viver em sociedade, interagir com o meio em que vive, selecionar as informações que necessitam. A prática pedagógica carece ter as especificidades dos estudantes levadas em conta, tomando consciência de quem é esse aluno e quais são os seus interesses, assim como contemplar um amplo conjunto de experiências vivenciadas pelo sujeito no que se refere aos conhecimentos sociais, científicos, políticos e econômicos, fazendo com que esse sujeito reflita sobre esses processos. E que, além de

passar com qualidade nos assuntos propostos por nossos currículos, que os/as professores/as possam sempre pensar em cada estudante como um ser único dentro de suas salas de aula – pensar nos contextos de vida desses indivíduos, que muitas vezes possuem somente a escola como refúgio de seus medos e incertezas da vida. Que considerem que, muitas vezes, a escola é o único espaço que possuem para tratar de assuntos considerados não curriculares, mas que mobilizam o desejo de se manter na escola e aprender alguma coisa. Neste caso a criatividade, a sensibilidade, a empatia, o desprendimento, o rompimento com algumas regras se torna importante, além das estratégias pedagógicas intencionalmente planejadas adequadas as realidades dos estudantes. Pois segundo Konrhat et al. (2009) o sujeito aprende com os seus pares e com os objetos a seu redor, construindo a partir disso, relações com o mundo que o cerca, na medida em que ele observa a realidade, questiona-a, investiga-a, levanta hipóteses e pesquisa.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita**. 4ed. Rio de Janeiro: Wak, 2017.

ANDRADE, Sandra Santos. **Juventude e processos de escolarização: uma abordagem cultural**. 2008. 256 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/1350>>. Acesso em: 25 out. 2018.

BORINE, Rita de Cássia Calderani. **Considerações gerais sobre dificuldade de aprendizagem**. Revista Eletrônica Facimedit, v2, n2, jul/dez 2015.

BUDEL, Gislaíne Coimbra; MEIER, Marcos. **Mediação da aprendizagem da educação especial**. Editora Intersaberes, 2012.

CARARA, Mariane Lemos. **Dificuldade de aprendizagem e vulnerabilidade social sob percepção da comunidade escolar**. 2017. p.1-28. Trabalho de conclusão de curso de Pós Graduação em Educação e Direitos Humanos: Escola, Violência e Garantia de Direitos, da Universidade do Sul de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Artigo-Mariane.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

CONTEÚDO aberto. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Freedom_Writers>. Acesso em: 02 set. 2018.

CONTEÚDO aberto. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Mentes_Perigosas_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mentes_Perigosas_(filme))>. Acesso em: 02 set. 2018.

CONTEÚDO aberto. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Nenhum_a_Menos>. Acesso em: 02 set. 2018.

CONTEÚDO aberto. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/To_Sir_with_Love>. Acesso em: 02 set. 2018.

CONTEÚDO aberto. In: InfoEscola: Navegando e Aprendendo. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/cinema/nenhum-a-menos>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

FABRIS, Elí Henn. **Cinema e Educação: um caminho metodológico**. Educação e Realidade, Porto Alegre, p.117-134, jan/jun, 2008.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. 20 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, A. C. et al. **Teorias da aprendizagem**. Universidade Evangélica Del Paraguay; UEP, 2006.

KONRATH, Mary Lúcia Pedroso; CARNEIRO, Mara Lúcia Fernandes; TAROUCO Liane Margarida R. **Estratégias pedagógicas, planejamento e construção de Objetos de Aprendizagem para uso pedagógico**. CINTED-UFRGS, V. 7 N° 1, Julho, 2009.

LAROSSA, Jorge. P de professor. **Esperando não se sabe o que: sobre o ofício de professor**. 1ª edição, 2018. Editora: Autêntica

LOCH, Jussara Margareth de Paula *et. al.* **EJA, planejamento, metodologias e avaliação**. Porto Alegre. Editora Mediação. 2012.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologia de pesquisas pós-críticas em educação**. Mazza Edições, 2012.

MOREIRA, A. E. C.. O papel docente na seleção das estratégias de ensino. In: **XVI Semana da Educação e VI Simpósio de Pesquisa e Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação, 2015**, Londrina (PR). ISBN: 978-85-7846-319-9, p 497 - 508.

BALESTRIN, Patrícia Abel; SOARES, Rosangela. "Etnografia de tela": uma aposta metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologia de pesquisas pós-críticas em educação**. Mazza Edições, 2012.

PEREIRA, Antonio Serafim (Org.). **A educação em cartaz histórias de cinema**. Editora da Ulbra, 2014.

PEREIRA, S. E. F. N. **Redes sociais de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social e sua relação com os riscos de envolvimento com o tráfico de drogas**. 2009. 320 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/4416>> Acesso em: 25 out.2018.

RIAL, Carmen. **Antropologia e Mídia: Breve Panorama das Teorias de Comunicação**. Revista Antropologia em primeira mão, p.1-67, 2004.

RODRIGUES, Maria Bernadette Castro. **Planejamento: desamarrando nós, atando o fazer pedagógico**. In: Reconstrução curricular na escola democrática e popular: desafio para rede pública estadual no município de Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS. Núcleo de Integração Universidade & Escola; Secretaria Estadual de Educação. Departamento de Coordenação das Regionais, 2002.

SAMPAIO, Simaia. **Transtornos e dificuldades de aprendizagem**. FREITAS, Ivana Braga de (Orgs.). 2ed. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: Uma introdução às teorias de currículo**. 3ed. Belo Horizonte: Editora Autentica 2007.

VARGAS, Juliana Ribeiro de; XAVIER, MariaLuisa Merino de Freitas. **Conceitos e práticas para pesquisas contemporâneas: algumas palavras sobre a obra *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação***. Educação em revista, vol.29, nº4, Belo Horizonte, Dezembro 2013.

XAVIER, Maria Luisa Merino de Freitas. **Os incluídos na escola: o disciplinamento nos processos emancipatórios**. 2003. 269 f. (Tese de Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/1887>> . Acesso em 10 out. 2018.